galeria SÃO MAMEDE

06 NOVEMBRO/31 DEZEMBRO



Armando Alves

Um Olhar na paisagem



▲ Fora e dentro

questão de género implícita - que perdurou exercício ou obra produzida. por muito tempo - a cor era um recurso femi- O resultado foi a reconfiguração total dos mas intelectualidade.

pintura e constitui um bom exemplo do modo são no objecto visto. como a comunidade artística renova as suas A pintura de Armando Alves é, no presente, práticas e elege novos conceitos. Uma grande uma consequência desta evolução aqui enten-

Em muita pintura do século XVIII, dentro de parte da arte do século XX, movida pelos con- dida em fragmentos avulsos e descontínuos. um espirito académico de que são emblemá- tributos dos finais do século anterior, dedicouticos os Discursos do inglês Joshua Reynolds, -se a desmontar estas e outras convenções e pintor e presidente da Royal Academy, o uso a procurar uma versão mais individualista da da cor era restrito e limitado, por se conside- arte e menos submissa aos códigos das rar que a cor trazia demasiada sensualidade à academias e das tradições. Refiro estes pinpintura e exprimia um espirito de obstinação e tores já distantes do nosso tempo, pela óbvia de excentricidade que a «grande arte» devia dificuldade em seleccionar, de entre as figuras evitar. A forma e a linha eram os requisitos do século XX, aquelas que multiplicaram os tidos como fundamentais para a imposição caminhos da arte e souberam orientar-se a ritmo de vida e de pintura, em que uma tem de um talento artístico. Havia aqui uma partir de motivações renovadas em cada

nino, enquanto a linha e a forma eram recur- géneros, nomeadamente o da paisagem, em sos do universo masculino, porque o seu propostas que fizeram variar, não apenas o É nestas duas dimensões - uma, atinente às domínio envolveria, não apenas sensibilidade, uso daqueles recursos de cor, forma e linha, práticas que foram evoluindo com o tempo e mas também os pontos de vista, desde a que, naturalmente integrou, nesse processo Turner, mais novo do que Reynolds, orgulha- frontaldade nítida da distância a uma proximi- exterior de consenso colectivo que a arte tamva-se de teorizar sobre a presença da cor na dade intima e desfocada, passando pela imer- bém reveste; outra, concentrada nos seus

Neste sentido, a sua pintura evidencia um itinerário possível para os artistas do século XX.

Mas a sua pintura, particularmente aquela que aqui se apresenta, também é resultado do modo como Armando Alves vive neste século XXI e de que apontaremos apenas sinais: o prazer do atelier - que não existiria sem o gosto pelos sítios em que vive; o prazer de um necessidade da outra; a vontade de levar uma existência ao sabor da sua própria sensibilidade, sem qualquer pretensão de correr atrás de, ou de forçar o que quer que seja.

interesses e nos seus sentimentos, nesse processo interior de satisfação pessoal.

Laura Castro

4 S/ Titulo (paisagem) 2010 Oleo sobre tela 100 x 100 cm

S/ Titulo (paisagem 2010 Čleo sobre tela 45 x 50 cm

S/ Titulo (paisagem) Cleo sobre tela 49 x 80 cm





Pintor abstracto geometrizante, reinventor do sentimento da raisagem, Armando Alves nasceu em Estremoz em 1935, fez o curso de preparação às Belas Artes na Escola de Artes Decorativas António Arroio, em Lisboa, e completou o curso de Pintura na ESBAP onde foi professor assistente de 1962 a 1973. Em 1968, constituiu o grupo «Os Quatro Vintes" com Ángelo de Scusa, Jorge Pinheiro e José Rodrigues. Foi agraciado em 2006 pelo Presidente da República com o Grau de Grande Oficial da Ordem de Mérito e recebeu mais recentemente, o «Prémio de Artes Casino da Póvoa 2009».

A sua obra tem sido, frequentemente, exposta no país e no eszangeiro. Está representado em diversas colecções particulares e públicas.